



## **A RELAÇÃO DOS EDUCADORES COM A EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

Itamar Teresinha Barbieri de Carvalho\*

Lenita Maria Korbes\*\*

### **RESUMO**

Este artigo apresenta reflexões sobre a infantilização do material e dos conteúdos que são trabalhados na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o objetivo de relacionar as práticas educativas dos professores com a educação libertadora de Paulo Freire. Para a fundamentação teórica recorri ao autor Paulo Freire e Álvaro Vieira Pinto. Enquanto escolha metodológica busquei na pesquisa qualitativa, e mais precisamente, na etnografia, os procedimentos necessários quanto ao rigor metodológico necessários. Para coleta de dados utilizei a observação dirigida e as entrevistas semi-estruturadas. Para alcançar os objetivos propostos, selecionei duas professoras da EJA de uma escola da cidade de Sinop-MT. Durante a pesquisa a questão sobre a infantilização dos conteúdos foi levantada pelas professoras da EJA gerando uma dúvida se esta é uma imposição decorrente da grade curricular ou se é uma escolha didática delas, pois tais conteúdos foram observados sendo trabalhados em sala de aula.

**Palavras-chave:** Educação. Educação Libertadora. Infantilização. Práticas Educativas. Educação de Jovens e Adultos.

### **1 INTRODUÇÃO**

Ao pesquisar a relação dos professores com a educação libertadora na visão freireana observei dentro de um rigor metodológico as práticas educativas alinhadas com diálogos que

---

\* Aluna do 7º Semestre de Pedagogia do *campus* Universitário de Sinop – UNEMAT. Pertence ao Grupo de Orientação da Ma. Lenita Maria Korbes

\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

foram cedidos a mim através de entrevista, por duas professoras da rede municipal de ensino na modalidade EJA, na cidade de Sinop-MT, e a questão da infantilização dos conteúdos trabalhados e sua aplicação, são procedimentos que nesse artigo, reflito junto com Paulo Freire e Álvaro Vieira Pinto, fazendo algumas considerações.

A educação libertadora e o que de acordo com Paulo Freire podemos considerar como práticas educativas libertárias são aquelas que mostram ao sujeito que ele é um ser participante e ativo da vida em comunidade, alguém que sabe, mas que não sabe que sabe e é tarefa do professor auxiliar o aluno a compreender de maneira crítica como a sociedade funciona para entender o contexto global e de sala de aula em que está envolvido.

Abordar a questão da Infantilização dos Conteúdos para Alunos da EJA, são considerações no sentido de refletirmos porque isso ainda ocorre nos dias de hoje e para essas reflexões Álvaro Vieira Pinto foi o autor escolhido como referencial teórico trazendo a base teórica que da sustentação ao assunto em questão.

A ponte entre a observação e a fala das professoras foi o ponto de reflexão. Não posso afirmar que não encontrei, em momento algum indício de uma educação libertadora, pautada no interesse e no conhecimento prévio que o aluno trás do mundo e de seu cotidiano, como também ficou claro e evidente a tendência a utilização de conteúdos e práticas educativas sabidamente infantis e tradicionais. Não ficando claro quais são realmente os motivos que levam as professoras a trabalharem dessa ou daquela forma.

## **2 EDUCAÇÃO LIBERTADORA: práticas educativas libertária**

A educação libertadora foi pensada a priori para educação popular, para alfabetização de adultos, mas em 1986 em sua obra Medo e Ousadia Paulo Freire em parceria com Ira Shor contextualiza a educação libertadora em todos os aspectos da educação e como as questões e as dúvidas que a envolvem são latentes.

Freire (1986) tinha convicções e entendimentos muito fortes a respeito do que seria uma educação libertadora de como trabalhar com ela em suas práticas pedagógica, para ele educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação, na qual tanto os professores como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes.

A educação libertadora promove o desenvolvimento do indivíduo de modo que ele possa pensar por si mesmo, olhar a informação e analisá-la sob diversos ângulos, revela que para que haja uma mudança é necessário a participação de todos.

Freire (1986) parte do princípio de que não existe neutralidade na educação, educação é política e a Educação Libertadora esta preocupada em tornar visível aos alunos o obscurecimento da realidade do sistema capitalista opressor (principalmente das mentes) e almeja a transformação social enquanto a educação tradicional por trás da máscara de neutralidade esta reproduzindo a ideologia dominante, formando estudantes para observar o mundo do ponto de vista do consenso oficial, para executar ordens sem questioná-las como se a sociedade fosse fixa e perfeita.

Porém não se trata meramente de mudanças de métodos na maneira de ensinar conforme nos adverte Paulo Freire:

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o problema seria mudar algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas. Mas não é esse o problema. **A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade.** (FREIRE, 1986, p. 28, grifo meu).

Freire (1986) nos diz que a educação libertadora pretende alcançar níveis que vão além dos muros da escola. Daí seu cunho político, pois requer ações democráticas, reveladoras, desafiadoras, voltada para o ato crítico da leitura da realidade e compreensão de como funciona a sociedade, não só no universo escolar, mas também no interior dos movimentos sociais e para além deles.

Uma das tarefas básicas da sala de aula libertadora é o professor que investiga seus alunos. Através da investigação o professor traça um perfil da motivação de seus alunos descobrindo o que os agrada/desagrada. O professor deve criar uma atmosfera em que os estudantes concordem em dizer, escrever e fazer o que é motivador para eles. Nesse sentido a motivação torna-se um ato criativo e participativo à medida que os alunos tornam-se sujeitos de sua criação de aprendizagem. A motivação pelo aprender, pelo estudar deve partir do reconhecimento do próprio aluno que se trata de uma tarefa importante para ele.

Não se trata de uma prática pedagógica simples, pois os estudantes já se habituaram a transferência de conhecimento e não acreditam num professor libertador que não lhes empurre o conhecimento goela abaixo. O conceito que possuíam até então de aprender resume-se em respostas prontas para memorização sem nenhuma conexão com a realidade deles, foram horas após horas, anos após ano de imposição monótona de um programa oficial e de repente alguém lhes propõe outra forma de ensinar/aprender, Freire (1986).

A educação libertadora, ou a educação como uma prática da liberdade requer de todos, quer seja professor quer seja aluno um comprometimento, pois de que outra maneira se daria o “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”? (LEI 9394, Artigo 2º).

Nossos alunos não aprenderão a discutir, a debater se a educação que se apresenta é sempre imposta a eles. Freire (1979) diz que ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção. Mas ele não foi preparado para isso, não foi orientado a pensar assim, não aprendeu para o pleno exercício de sua cidadania.

Freire (2008) diz que a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa, mas que também não pode cair na ingenuidade de conceber a educação como “alavanca da transformação” tão pouco induzir-se no pessimismo de que apenas “reproduz mecanicamente a sociedade” a grande chamada da educação libertadora é a conscientização. Conscientização de que a educação é essencialmente um ato de conhecimento e que este leva ao reconhecimento de que não pode mudar a sociedade, mas ajudará esta a se libertar da opressão.

### **3 A INFANTILIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS PARA ALUNOS DA EJA**

Para que de fato aconteça uma educação de adultos que os trate como adultos que são, Pinto (2007, p. 86) nos diz que:

Algumas características são fundamentais para satisfazer um método eficaz: é preciso despertar no adulto a consciência necessária de instruir-se e de alfabetizar-se o que só ocorrerá se simultaneamente e mais amplamente for despertada nele a consciência crítica de sua realidade como ser humano, que compreende o mundo em que vive seu país – com as peculiaridades da etapa histórica na qual ele se encontra – sua região, despertando a noção clara de sua participação na sociedade pelo trabalho que executa, dos direitos que possui e dos deveres com seus iguais[...] Devem partir da realidade autêntica do educando, seu mundo, seu trabalho, suas relações sociais, suas crenças, valores, gostos artísticos, gíria, etc.

Pinto (2007), afirma que o que distingue uma modalidade de educação da outra além dos conteúdos, métodos e técnicas são os motivos, os interesses que a sociedade, como um todo, tem quando educa a criança ou o adulto. Nesse sentido, tanto práticas, como conteúdos, levam os educandos a um senso comum, a um não pensar. Não há libertação, porque nem mesmo se sabem oprimidos.

Conteúdos infantilizados derivam de um processo de educação de adultos ingênua que Pinto (2007) chama de ‘visão regressiva’, porque considera o adulto analfabeto como uma criança que cessou de desenvolver-se culturalmente. Por isso, aplica-lhes os mesmos métodos de ensino e até utiliza as mesmas cartilhas que servem para a infância. É uma suposição que consiste na ‘retomada’ do crescimento mental de um ser humano que culturalmente estacionou na fase infantil. O adulto é considerado um ‘atrasado’.

O que ainda, de acordo com Pinto (2007, p. 87) é inadequado e ingênuo, pois deixa de ver o adulto como um sabedor; ignora que o desenvolvimento fundamental do homem se faz pelo trabalho e que o desenvolvimento não pára pelo fato do indivíduo permanecer analfabeto; ignora o processo evolutivo das faculdades mentais; e não reconhece o adulto iletrado como membro atuante e pensante de sua comunidade, onde, ali não é julgado como um ‘atrasado’ e pode até desenvolver uma personalidade de vanguarda.

Essas concepções que conduzem a aplicação de métodos impróprios e pela recusa de aceitar os métodos de educação integradores do homem em sua comunidade, ou seja, aquela que de fato podem fazê-lo compreender e modificar sua realidade, Pinto (2007).

#### 4 ANÁLISE

Uma das questões levantadas pelas professoras foi à infantilização do material assim como dos conteúdos que de acordo com elas não condiziam com a realidade de seus educandos.

**(1) Professora Flora** O livro oferecido pelo MEC foi planejado para essa modalidade e agora nós temos esse recurso, porque antes não tínhamos, então os livros, eram escritos mais para as crianças, para os adolescentes, bem infantilizados, e agora a gente tem o material adequado para eles, feito com a linguagem deles, a realidade deles e aí, você tem o recurso de que eles estão vendo as imagens, então eu utilizo e se eu, para mim trabalhar esse assunto, até que eles copiem, fica difícil e porque não usar os livros que vem bem colorido, com as imagens bem adequadas, aí, eles entendem mais, não é todo dia, porque se não cansa, porque aqui a gente

tem que ter jogo de cintura, porque tem aluno que lê bem, tem aluno que escreve, tem aluno que ta começando ler, e não escreve, tem aluno que escreve mas não lê, então é bem assim, uma classe bem heterogênea, e de tudo, de aprendizagem, de opinião, então tem que saber dar o tempo de cada um, um vai mais rápido, outro mais lento... Tem que, realmente é ter paciência...

Afirmam que ao elaborar seus planejamentos levam em conta os conhecimentos prévios dos alunos, considerando sempre seus saberes para adequar ao conteúdo estabelecido:

**(02) Hortência:** Ao elaborar meu planejamento preocupo-me em conhecer os conhecimentos prévios do aluno. Considerando sempre os saberes que traz para a escola para adequá-los da melhor maneira possível ao conteúdo estabelecido por nós.

**(03) Flora:** Principalmente através da realidade da turma (seus conhecimentos prévios).  
Através de conversas informais para conhecer os alunos

No entanto a realidade observada foi igual à criticada. Nos cadernos dos alunos e durante uma aula dada o que vi foi exatamente conteúdos desconexos e infantilizado como o texto abaixo que trazia ao lado um desenho de dois meninos, um branco e outro negro, sendo que um deles trazia um papagaio ao ombro, utilizado para fixar a letra G, bem como a leitura, escrita em letra cursiva e interpretação:

O Papagaio

Simão e Guto vão ao lago.

Simão leva Guga.

Guga é o papagaio e Simão.

No lago Guga vê o pé de goiaba.

O papagaio voa e bica a goiaba.

O texto foge a uma realidade de educação libertadora, porque foi apresentado aos alunos de forma mecânica, sem sentido, sem contexto. Por que não trabalhar questões reais sobre um texto aparentemente infantil, retirado de uma cartilha? Como por exemplo, quem eram Simão e Guto? Quais as características de cada um? Se estavam indo a um lago, isso poderia significar que moravam onde? Como um deles tinha um papagaio de ave de estimação? Podemos ter esse animais silvestre em casa? Eles eram pobres ou ricos? Por quê? A partir de nossas reflexões, que outra estória podemos criar para essa cena?

Mudar a abordagem, os conteúdos a fim de levar em conta as expectativas e os interesses dos alunos é uma forma de dar um atendimento específico a uma clientela de educandos que não são crianças, mas que ainda não dominam a escrita e a leitura.

Pinto (2007, p. 41) diz que existe uma pedagogia oficial e alienada, que concentra toda sua atenção nas discussões sobre conteúdos, com a intenção de torná-lo mais adequado, mais funcional possível, para cada fase da vida do educando. Fazendo-o de maneira a transmitir somente, o que em seus critérios, é desejável em relação ao tipo de homem que pretende formar mediante a utilização da educação.

Nesse sentido observar o que o colorido das páginas, as imagens querem mostrar é de fundamental relevância:

Textos, de modo geral, ilustrados – casinhas simpáticas, acolhedoras, bem decoradas; casais risonhos, de faces delicadas, às vezes ou quase sempre brancos e louros; crianças bem nutridas, bolsinha a tira-colo, dizendo adeus aos papais para ir à escola, depois de um suculento café da manhã... Que podem um trabalhador camponês ou um trabalhador urbano retirar de positivo para seu que fazer no mundo, para compreender, criticamente, a situação concreta de opressão em que se acham, através de um trabalho de alfabetização em que se lhes diz adocicadamente, que **“Simão e Guga vão ao lago” ou que “O papagaio voa e bica a goiaba”**?(FREIRE, 1981, p. 12 – adaptação de texto minha)

Assim, as técnicas ou os métodos, acompanhados de seus conteúdos e materiais, além do papel de escrita e leitura devem vir, de acordo com Pinto (2007, pág. 46) atrelados com o significado social ao qual será vinculado, o homem, que é quem de fato executa e leva em prática, do contrário é apenas obra imaginativa (cartilhas, campanhas de alfabetização, etc.), é pensamento abstrato, é projeto no vácuo social.

Se a base da educação libertadora é promover o pensamento crítico da realidade, nesse aspecto não encontrei, durante essa aula, relação desses professores com a proposta de Paulo Freire, pois “o aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concreta dos alfabetizandos”. “Uma coisa, pois, é a unidade entre prática e teoria numa educação orientada no sentido de libertação, outra é a mesma unidade numa forma de educação para “domesticação”. (FREIRE, 1981, p.15).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entendo que os métodos ou as práticas educativas que os professores usam para ministrar sua aulas, são características bem marcantes e pessoais de cada um, mas que

trazendo à luz de uma reflexão da concepção de educação libertadora, essas práticas trarão indícios se um professor tem ou não relação com ela.

Paulo Freire não criou um método para dar aulas, mas deixou claras suas convicções de que a educação bancária de transferências de conhecimentos jamais conduziria os sujeitos a se saberem donos de suas ideias e capazes de modificar sua condição:

Não se trata de buscar entre os professores aquele que usa uma prática e que está prática esteja definida como método Paulo Freire, por que esse método não existe, o que Freire propõe é um re-inventar, nunca esquecendo o caráter político e social que envolve o ato de educar. Pensando a alfabetização como um ato criador onde os alfabetizados comparecem como sujeitos capazes de conhecer e não como resultado dos alfabetizadores. Por isso a crítica à memorização mecânica de letras e de sílabas, aos Simão e Guto vão ao lago; porque se esquece de dar ao adulto o valor que tem como ser humano capaz, criador e autor de sua própria história.

## **THE RELATIONSHIP OF TEACHERS WITH THE EDUCATION LIBERATOR**

### **ABSTRACT<sup>1</sup>**

This article presents reflections on the infantilization of the material and content that are worked with Youth and Adults Education (EJA). It aims to relate the educational practices of teachers with Paulo Freire's liberator education. While methodological choice we sought in qualitative research, and more specifically, ethnography, the necessary procedures regarding the methodological rigor needed. For data collection we used the directed observation and semi-structured interviews. To achieve the proposed goals, we selected two teachers of adult education at a school in the city of Sinop-MT. During the survey the question about the infantilization of the contents was raised by the teachers of the EJA generating a doubt whether this is a result of imposing curriculum or if is a choice of them, such content were seen being worked on in the classroom.

**Keywords:** Education. Liberator Education. Infantilization. Educational Practices. Youth and Adults.

---

<sup>1</sup> Transcrição realizada pela aluna Catyane Roberta Hauth (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**) e revisão pela professora Leandra Ines Seganfredo Santos (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei 9394, de 1996 que estabelece diretrizes e bases da educação nacional e legislação correlatada. 2 Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

FLORA. **Flora**: depoimento. [22 mar. 2012]. Entrevistadora: Itamar Teresinha Barbieri de Carvalho. Sinop, MT, 2012. Aparelho de celular (10 min.). Entrevista concedida para monografia A Relação dos professores com a educação libertadora.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e Prática da Libertação, Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. São Paulo. Editora Cortez e Moraes Ltda, 1979.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, (O Mundo, Hoje, v. 10)

\_\_\_\_\_. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 31 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

HORTÊNCIA. **Hortência**: depoimento. [22 mar. 2012]. Entrevistadora: Itamar Teresinha Barbieri de Carvalho. Sinop, MT, 2012. Aparelho de celular (10 min.). Entrevista concedida para monografia A Relação dos professores com a educação libertadora.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**. 15 ed. Editora Cortez, São Paulo, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.